

COMUNICAÇÃO ORAL - GT5 - DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES E  
INTERSECCIONALIDADES: EDUCAÇÃO, PSICOLOGIA E POVOS  
INDÍGENAS

**ATRAVESSAMENTOS CULTURAIS E A SOBRECARGA NA SAÚDE  
MENTAL: UM ESTUDO ACERCA DA (NÃO) PERMANÊNCIA DAS  
MULHERES INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS.**

*Aucimara Souza Do Nascimento (aucimarasn-p12@hotmail.com)*

Nas últimas décadas houve significativos progressos na Educação Escolar Indígena, ensejando muitas possibilidades no âmbito acadêmico, no entanto, as mulheres indígenas ainda enfrentam muitas barreiras, dessa forma, esse estudo tem como objetivo fomentar reflexões quanto à presença das indígenas nas universidades, no Brasil. Na região norte, Santos (2005) sinalizou poucos estudos problematizando a formação de professoras indígenas, já evidenciando a questão de gênero no contexto da educação escolar indígena. Nascimento e Santos (2013) mostraram que são poucas as mulheres nos cursos de licenciatura específica no Amazonas. Nas demais regiões do Brasil estudos recentes apontam maior participação das mulheres indígenas no ensino superior, contudo, os obstáculos são muitos para a permanência e conclusão dos cursos, conforme Faustino; Novak; Rodrigues (2020) e Ruano-lbarra; Oliveira (2020). Brito (2016) verificou as vivências e os fenômenos que permeiam as relações das mulheres que ao mesmo tempo são mães, indígenas e estudantes, contexto ao qual elas se sobrecarregam nas multitarefas, alertam Bergamaschi; Doebber; Brito (2018). Miranda (2015) aponta que as mulheres indígenas aparecem como atuantes nos movimentos

indígenas organizados, reforçando, toda via, o caráter histórico, político e ativo que possuem. Assim, a (não) permanência na universidade pode estar relacionada aos aspectos culturais atrelados a sobrecarga de afazeres, refletindo na saúde mental.

Palavras-chave: mulheres indígenas; saúde mental; universidade.